

RESEÑAS
DE LIBROS

RESENHAS DE LIVROS
BOOK REVIEWS

CRISIS SOCIALES Y NEUTRALIDADES: EL PROBLEMA DE LOS NEGACIONISMOS

CRISES SOCIAIS E NEUTRALIDADE: O
PROBLEMA DO NEGACIONISMO

SOCIAL CRISES AND NEUTRALITIES: THE
PROBLEM OF NEGATIONISM

Liz Coronel
Asociación de Psicoterapia Psicoanalítica de Perú
ORCID: 0009-0004-0020-9151
Correo electrónico: lizcorone.ll@gmail.com

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Cornoel L.. (2023) CRISIS SOCIALES Y NEUTRALIDADES: EL PROBLEMA DE LOS NEGACIONISMOS
Intercambio Psicoanalítico 14 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2. 14/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

CRISES SOCIAIS E NEUTRALIDADE: O PROBLEMA DO NEGACIONISMO

Liz Coronel¹

1 Candidata a analista da Associação Psicanalítica Argentina, doutorando em psicologia na Universidad del Salvador, professor de psicopatologia no Instituto Psicanalítico Interdisciplinar, autor de vários artigos sobre psicanálise e racismo como Racismo, desobjectificação e resíduos coloniais da pulsão de morte.

Autores: Carlisky, N., Zukerfeld, R., Zonis Zukerfeld, R., Baldin, A., Boz, S., Cartaña, S., Cayupan, M., Falcone, J.J., Frigerio, R., Rodriguez Raffaelli, N., & Tripceovich Piovano, M.

Ano: 2023 – 17 páginas

Em: Calibán, Revista Latinoamericana de Psicoanálisis. Erótica, vol. 21 (1), pp. 272-289.

FEPAL (Federação Psicanalítica da América Latina)
<https://calibanrlp.com>

Resenha realizada por: Liz Coronel

Considero importante iniciar esta resenha salientando que este artigo, vencedor do Prémio Psicanálise e Liberdade da Fepal (2022), é o resultado do trabalho de uma equipa de investigação. Eles se lançaram em uma investigação aprofundada do que os mais diversos autores, a começar por Freud, escreveram sobre o tema. O que é neutralidade?, por qué neutralidade?, quando a neutralidade perde seu valor e se torna prejudicial tanto para o processo analítico quanto para o paciente?, são as questões que norteiam esta escrita. Finalmente, partindo da complexidade do impacto social da covid e das suas consequências, abordam o problema do negacionismo e a necessidade de o analista, saindo da neutralidade, assumir uma posição clara.

Um primeiro ponto importante é a necessidade de falar de neutralidade, sublinhando a pluralidade da técnica em função da singularidade de cada par analítico. A neutralidade é definida em sua relação com a abstinência, pois, nas palavras dos autores, tratar-se-ia de *"abster-se de dar conselhos, de satisfazer demandas e de escolher temas no discurso do paciente"*. No entanto, o analista é, em última análise, uma pessoa que não pode eximir-se, mesmo no seu trabalho clínico, e para além de uma análise pessoal exaustiva e de uma supervisão cuidada, de um contexto cultural e de um modo de pensar construídos através da sua própria história pessoal. Assim, a neutralidade torna-se uma tarefa impossível mas não menos necessária, a questão é que a técnica não se refere ao que o analista deve pensar mas ao modo como intervém, é no seu discurso e não necessariamente no seu pensamento ou sentimento que a neutralidade deve ser procurada.



Além disso, a neutralidade não é uma questão de aparência, não se refere a evitar a expressão gestual que poderia ser ainda mais doutrinadora. Segundo Viñar (1994), um analista hipomímico não é mais neutro do que aquele que põe em jogo toda a sua pessoa; a neutralidade propriamente dita consiste em abster-se de exercer o poder sugestivo ou doutrinário que a regressão do paciente lhe confere. O valor da neutralidade consiste em proteger o paciente dos nossos preconceitos e da nossa ideologia.

Ora, há situações na realidade sociopolítica que exigem do analista o rompimento da neutralidade sob o risco de produzir efeitos iatrogênicos. Os autores referem-se às diversas crises que a América Latina está a viver e tem vivido, tornando necessário abandonar a neutralidade para tornar possível o processo analítico. Em particular, os acontecimentos sociais disruptivos com potencial traumatogênico, em que o paciente foi prejudicado, violado ou atacado na sua integridade ou dignidade, exigem que o analista se solidarize com o desconforto do paciente, que lhe diga que acredita nele e que não é neutro.

Outra situação em que o analista tem de sair da sua posição de neutralidade e estabelecer firmemente a sua posição é o problema do negacionismo e do discurso de ódio, que pode prejudicar a saúde e a vida das pessoas, como foi o caso da pandemia de covid-19. O negacionismo é definido como uma posição ideológica irracional de negação de um facto da realidade histórica ou científica, substituindo-o por uma mentira sem fundamento mas mais confortável. Distingue-se entre negacionismo ativo e passivo, consistindo o primeiro num discurso intencional com fins perversos, induzindo o percepticídio, "ou seja, *negando a gravidade da pandemia, a necessidade de restrições e, sobretudo, a importância crucial da vacinação*". O segundo seria o efeito do primeiro sobre uma parte da população que não tem pensamento crítico e tende a idealizar figuras pseudocientíficas.

O negacionismo ativo baseia-se no tripé do perceptualismo, do fundamentalismo e do apelo à liberdade individual. O mecanismo do percepticídio é abordado com especial atenção devido à problemática dos mass media e dos algoritmos que, tendo a capacidade de penetrar na psique individual e colectiva, podem anular ou alterar as capacidades perceptivas induzindo preferências baseadas em informações enganosas ou descontextualizadas, podendo resultar em fenómenos de massa.

O fundamentalismo refere-se à ideia fixa que não admite questionamentos e o apelo à liberdade individual é o discurso utilizado para rejeitar as medidas de proteção. Os autores salientam que a liberdade absoluta não pode ser entendida como uma máxima cultural, uma vez que a coexistência exige certas restrições, pelo que a liberdade só adquire o seu verdadeiro valor quando é acompanhada por um sentido de comunidade interiorizado.

Finalmente, considero muito valiosa a inclusão de um fragmento de uma carta de Freud a Fliess onde Freud reconhece que as recomendações que escreveu sobre a técnica são essencialmente de carácter negativo, o que, lamenta, foi tomado dogmaticamente por alguns analistas dóceis, perdendo de vista o valor da elasticidade da técnica. Os autores concluem que o seu trabalho procura refletir sobre o valor da integração da qualidade humana do analista que pode reconhecer que o seu desejo é atravessado pela sua história e ideologia, evitando dissociações que só prejudicam a tarefa analítica e reivindicando a importância de hierarquizar o paciente mais do que a técnica, evitando a submissão rígida às suas regras.